



FILOSOFIA

19. ANTROPOMORFISMO

O Professor Serzedas, personagem de um conto de Pero Botelho, explica o antropomorfismo da ideia de Deus.

Eduardo Nery.
«Vénus hoje?».



«O pensamento é a base da realidade, o mundo é uma coisa pensada.»

Serzedas

Donde vem a Verdade-mais-erro de toda a teoria filosófica?

Cada um de nós é *Deus sendo ele, é Deus pensando-se ele* . Como, por isso, cada um de nós é Deus, cada um de nós vê a verdade, tem a verdade em si. Mas como cada um de nós, é, por pensamento de Deus não-Deus, não-ser, é erro.

Pensamo-nos como Deus.

Somos determinados, porque (...). Somos livres porque somos Deus, e porque Deus, somos o determinante determinando-se a si-próprio, sendo livre, portanto, porque o determinar-se a si é ser livre.

Dos sistemas filosóficos os positivos erram por *incompletos* ; os negativos por *parciais* ; os criticistas e cepticistas por (...). Todo o sistema positivo, o materialismo, por ex., peca por não ir até ao fim. Tudo é matéria, diz. É certo. Mas a matéria é o total pensamento dela. Portanto, tudo é matéria quer dizer que tudo é Deus, *porque é o ser* .

O ser, para ser outro, tem de ser não-ser. Por isso a verdade para ser humana tem de ser erro.

Mas o não-ser como existe? Só para o pensamento que o pensa *como sendo não-ser* . O não-ser é o *não-ser* ; tem *um ser* , que é o do não-ser; pertence ao *ser* portanto.

Ser tem dois sentidos; o de *ser absoluto*, por ser para si, no que absolutamente, pode ter; o de *ser*, como oposto a não-ser, que tem para nós (...).

O não-ser existe, é, *como não-ser*. Pensado como não-ser, existe, porque como não-ser é pensado. Mas, para além deste pensamento *não é*, porque é *não-ser*. Não nos é possível pensar o não-ser como não sendo, porque pensar é *fazer ser*, e portanto pensar o não-ser é fazê-lo ser, como não-ser.

Há pois 3 formas de ser:

(1) Ser como ser, em si, além de absoluto. (Deus como ser em si e para si existe).

(2) Ser absoluto envolvendo em si o não-ser e fazendo-o ser. (Deus como *para* nós existe).

(3) Ser relativo (...). (Deus como *em* nós existe.)

É-nos impossível pensar ser sem como oposto a não-ser, ser como não sendo não-ser, ou o não-ser como ser sendo não-ser. O ser como ser, e o não-ser como não-ser são-nos impensáveis. Pensar o ser absolutamente seria (...); pensar o não-ser seria não pensar, o que nos é impossível quando pensamos. Isto é assim, porque *somos* ser e não-ser.

*

Tudo quanto existe envolve contradição, porque envolve o ser o *ser* e o não-ser ao mesmo tempo. Porque envolve o ser quanto a nós, e não ser quanto a Deus. Mas o que é esse nós? A condição da existência racional é não envolver contradição; a da ex[istência] real é precisamente o envolvê-la. Mas então como se dá o *acordo* entre o racional e o real? Esse acordo é como que parcial. Esse acordo toca na realidade pelo que ela tem de *ser*; não pelo lado de não-ser. Assim o movimento é racionalmente provado, mas permanece racional-realmente inconcebível. É que *o ser* é racional; o não-ser irracional; porque o racional é essencialmente *o que é*; e o irracional *o que não é*. Veja-se, note-se, de resto, a própria expressão *não-ser*, como é um *nada real para o pensamento*. Assim o irreal do mundo.

Só Deus é que está acima do ser como do não-ser; superior à possibilidade de contradição; acima de lhe haver mesmo um não-Deus oposto. Bem sei que isto se torna incompreensível, mas com a nossa limitação, não podemos senão chegar a este apontar ridículo para uma porta fechada.

*

O pensamento em si está fora do tempo e do espaço; é *anterior* a eles. Sentimento e vontade é que exigem *tempo e espaço*. A percepção é que está no tempo e no espaço; não o íntimo pensamento basilar na percepção. À percepção, portanto, é que estão ligados (limitados todos) sentimento e vontade.

*

A vontade é apenas a consciência de um *movimento* do nosso espírito em relação e em direcção ao exterior, ao qual corresponde um movimento centrífugo no nosso sistema nervoso. Ora já lhe provei que a qualquer movimento no espaço corresponde uma ideação no tempo; portanto a esse movimento centrífugo deve corresponder uma ideação centrífuga. A isso chamamos nós vontade.

— «O sentimento e a vontade», continua o Professor Serzedas, «são os resultados materiais do indivíduo ser limitado como pensamento. Como a ferrugem ataca o ferro inusado, assim o sentimento e a vontade são as consequências naturais de sermos cada um de nós um pensamento limitado.»

— «Mas», objectei, «nesse caso porque é que nós, sendo mais pensamento do que por ex., um átomo, temos mais sentimento e vontade — e não menos, como seria de esperar, sendo as coisas como o Professor diz...»

— «Porque, meu caro amigo, dentro do número quanto maior um número é *mais número* é sem dúvida, mas tão longe do infinito está o menor como o maior número. De modo que não tendo nós vantagem alguma sobre o átomo *em absoluto*, o que somos é mais complexamente limitados do que ele, donde segue que mais complexa e completamente devemos apresentar o sentimento e a vontade, estigmas da limitação. Compreende?»

— «Perfeitamente, perfeitamente.»

— «O caso é o seguinte: o átomo ocupa por exemplo na escala dos seres o lugar três e um homem o lugar dois milhões. Ora 3 está *mais perto*, por assim dizer, de zero onde, idealmente, a escala principia, como idealmente acaba em infinito. Ora, como já lhes provei, este zero é outro modo de dizer *infinito*, de modo que 3 está ao mesmo tempo mais perto e mais longe (por assim dizer) do infinito do que 2 milhões, isto é, nós; é *mais e menos pensamento* do que nós somos. Analisando de perto as naturezas comparadas nossa e a do átomo

ver-se-á como as partes concordam conosco. É sempre a concordância do real com o pensamento. Assim vemos que o átomo concebe, deve por força conceber, o universo como uma coisa vaga, vazia, irreal. Ora aqui está no que o átomo é mais pensamento do que nós, em que Deus está mais *visível* no átomo do que em nós; para ele sem dúvida que o mundo é irreal. Assim o mais baixo para o pensamento corresponde-se com o mais alto. . . Para nós o mundo existe muito mais realmente do que para o átomo; o que quer dizer que pensamos mais (. . .). A identidade dos contrários — vê-se meus amigos — não é uma palavra vã. É preciso, porém, só saber interpretá-la.

Por que é, por exemplo, que o materialismo extremo — aquele que nem a ideia de causa deixa de pé —, se confunde com o idealismo extremo? Porque produz o Hegelianismo materialistas complexos e completos?

Repare-se que a evolução do mundo é uma evolução em complexidade.

A nossa diversidade do átomo é em complexidade; isto é material. A evolução deve ser rectilínea em pensamento.

*

— «Reflectindo bem», continua o professor Serzedas, «não há sentimento nem vontade. Porque o essencial para que os haja é que delas haja de algum modo consciência. Implicam-na. Logo, se lhes é basilarmente necessária a consciência, como a todo o facto psíquico, segue, meus caros amigos, que são apenas como qualquer coisa do mundo externo, dados da percepção. . . Da percepção interna, direis, e portanto, não da percepção propriamente. Demoremo-nos aqui; há aqui que analisar.

O sentimento e a vontade são a consciência de movimentos ou centrípetos (sentimentos) ou centrífugos (vontade): eis tudo. Ora para que cada um de nós possa ter essa consciência é preciso que a tenha em si só como indivíduo, isto é, como sendo aquela percepção, *sua* e não de outro. Resulta daqui que se dá uma limitação da consciência, e o sen[time]nto meu não é senão o sen[time]nto de nós como consciências parciais, limitadas, imperfeitas, (números). . . É evidente que esta consciência de si como limitado deve dar qualquer coisa de novo ao psiquismo.

De mais a mais o sentir uma realidade dentro de nós . . .

Deus não sente nem quer, mas sente e quer porque em nós quer e sente, limitado em nós (. . .).

*

— «O antropomorfismo...», disse eu.

— «O antropomorfismo», replicou o professor, «tem isto de errado: que não considera que o que nós chamamos *sentimento* e *vontade* não são coisa que Deus possa ter, nem sequer concebido como personalidade. Sentimento e vontade são faculdades que só um ser limitado, inabsoluto pode ter. Somos, não o *pensamento* — isso Deus é, para com o mundo, em relação ao mundo — mas fragmentos de pensamento, formas de pensar, *números* na série das *formas* de conceber. Do facto de sermos limitadamente *pensamento* (porque cada número é limitado) vem que, como não podemos ter uma concepção total integral do mundo, nada podemos (...) nem criar; pelo que temos de nos esforçar por visionar o que vamos fazer — daí a vontade. O pensamento absoluto totalmente exclui, porque totalmente inclui e contém, sem obrigadamente a conter — a vontade... Do mesmo modo o sentimento é o resultado de cada um ter o seu mundo, (...) e do esforço da «vontade».

Falar na vontade de Deus, ou em qualquer sentimento de Deus eis o erro. Deus concebido por nós (em si não sabemos o que é) é o pensamento absoluto, ou o *pensador absoluto*. A única faculdade nossa que tem que ver com o absoluto é o pensamento; e a percepção (que é «pensamento», pelas razões que já sabe) a única que concebe uma realidade. Tanto o sentimento como a vontade são individuais.

A única «faculdade» que podemos conceber Deus como tendo, admitindo, ao conceber, que isso é relativamente a nós, é o pensamento.

Uma lei é a exteriorização de um pensamento. É com justiça que se chama leis às ordens dos fenómenos, e leis às que o homem impõe às sociedades... Estas são imperfeitas, porque imperfeito é o nosso pensamento; mas é justa a identidade do nome, porque há identidade de *causa*.

*

Nós não sabemos como se dão a passagem de momento a momento que constitui a duração, e a passagem de lugar a lugar que constitui o movimento; mas sabemos que, *logicamente* — note este termo — que logicamente a duração e o movimento estão implicados nos conceitos de momento e de lugar; em que de modo igualmente lógico, sabemos que se pode passar do momento 1 ao

momento 2, do lugar 1 para o lugar 2. Como isso *em si* se faz, não sabemos, porque nada sabemos *em si*, nem o que *em si* é o número nem o que *em si* são tempo e espaço. Sabemos apenas que são *ideias*.

Há, porém, uma conclusão ainda mais importante. É que só o pensamento nos dá como mentáveis a duração e o movimento, mas a percepção no-las dá também como realidades. Daqui se conclui que o pensamento é a base da realidade, *que o mundo é uma coisa pensada*.

O que é portanto a realidade? A realidade é o pensamento; não *provém* dele; é-o. Se as nossas alucinações, os nossos sonhos não são realidade é que o nosso pensamento, não sendo absoluto, integra-os apenas no mundo de nós mesmos, e não no mundo propriamente dito. Ainda assim um pensamento muito forte, isto é, muito lúcido, (...)

O pensamento visiona; o visionar do pensamento absoluto é o mundo. É visionado por nós e em nós, numericamente; por isso o vemos todos de um modo basilarmente igual e superficialmente diverso.

Quando visionamos uma coisa, o próprio visionar é criá-la; a própria visão dela é ela existir. Como porém, o nosso pensamento não é absoluto, essa criação não é absoluta — isto é, não pertence ao sistema do mundo.

A percepção, a memória, a imaginação «continua o próprio Serzedas», são actos em nós idênticos ao acto criativo do mundo; reproduzimos a criação, falhando em fazê-la uma criação absoluta, simplesmente porque não temos o pensamento absoluto.

Ora, sendo o pensamento uno, chegamos à conclusão que pensamos porque Deus pensa em nós, e pensamos limitada — porque diversamente, e diversa porque *numericamente*.

Para Deus pensar o número foi realizar o número em si totalmente, não em si, ainda que em si, *em cada número* individual.

Quando pensamos o universo, quando o visionamos, a nossa visão do universo e esse universo como visionado são a mesma coisa. Se concebermos em lugar do nosso pensamento, um pensamento absoluto, veremos que ele, logicamente, não pode conceber senão uma coisa absoluta, não um universo portanto, mas a ideia do universo, o infinito da série quanto a universo, a possibilidade de todos os universos portanto. Essa concepção, fragmentada por nós, dá o resultado que, sendo absoluta é criadora, mas sendo limitada em cada um de nós diferente e individual, é não ideia, não possível, mas realidade, real. Daí cada consciência ver um universo real, daí o ver cada um um universo

diferente, em graus e apenas graus de limites diferentes, desde o átomo ao homem.

O ser o pensamento divino absoluto dá resultado serem os nossos universos basilarmente iguais nisto em serem *reais*, e basilarmente parecidos nisto em serem *pensados*, portanto sujeitos a leis (porque a lei é a forma do pensamento). Daí a *realidade* que não é mais que o que de fundamento comum há nos nossos pensamentos.

A verdade é a base comum a todas as consciências no ter consciência. Eu, raciocinando assim, remonto a Deus. Não posso compreender intimamente porque são parte do concebido, mas posso compreender, dentro dos meus limites, até onde lhe mostrei que compreendi.

Tudo quanto pensamos é real, verdadeiro... A mentira, a irrealidade é o nada, e o nada o nada é. Tudo o que pensamos é real, porque o pensamos, e o pensamento é a realidade e realmente Deus é que em nós diferenciadamente pensa. Não é real porque diferentemente pensa, porque numericamente pensamos... . . .

Por isso todos os sistemas filosóficos são certos, e criados todos. Só certos no que afirmam, porque (. . .), e errados no que negam, porque negar é sempre erro metafísico — o único sofisma — pois é afirmar que *uma coisa não é*, quando a própria discussão dessa coisa (que temos para podermos afirmar que ela não existe) é, por *pensada*, existente.

É assim que o panteísmo tem razão em dizer que Deus pensa em nós, e o antipanteísmo em dizer que pensamos

fora de Deus; é assim que o materialista tem razão porque o mundo é real, e o idealista também porque o real não é real . . .

A prova que Deus pensa em nós é que temos corpo. Deus pensa-nos, por isso fisicamente somos; por isso também pensamos. O nosso corpo é a mostra visual da nossa limitação.

Um fakir que, com uma lucidez que exclua tudo, se visiona suspenso no ar, encontrar-se-á suspenso no ar. Pode não se lembrar da intensidade com que viu, mas isso é mais uma prova: indica que a atenção foi tão tomada que não deixa lugar à consciência da atenção, e à memória dessa atenção portanto.

O fantasma, é, quanto a mim, possível. É uma enorme visãoação inconsciente, cuja intensidade, superior à normal, vai meio a caminho de criar uma realidade.

- Mas no fantasma de facto desconhecido . . .
- Isso é mais complexo, mas explicável ainda assim. . .

*

Há bons argumentos, e há muitos — continua o professor Serzedas — pelos quais com verosimilhança mais que aparentemente igual se pode provar ora que a vontade, ora que o sentimento, ora que a ideia é a base do sistema do mundo. A minha crítica superior reconhece, como já lhes disse, em cada um destes sistemas o por onde acertam e o por onde erram. Realmente ora parece basilar a ideia porque parece que é porque tudo é concebido que existe; ora parece essencial o sentimento, porque o sentimento é que dá a nota do indivíduo perceptor, ficando sem ele ora a realidade exterior, individualizada e unrealizada nas divergentes e interdiferentes percepções pessoais; ora parece que é na vontade que está a verdade de tudo porque, para irmos de chofre ao argumento essencial, sendo a vontade o que produz o movimento, e sendo o universo incontestavelmente um vasto movimento, em verdade nos parece evidente que haja universalmente uma vontade, qualquer coisa vontade, criando ou mantendo ou (...) — de qualquer modo fundamentalmente sendo. Até aqui não é contestável que igual força e igual valor assiste a todos os argumentos que lhes apresentei. Por aqui são verdadeiros incontestavelmente. Mas como é fatal que aconteça, são, por outro lado, falsos. Porque um raciocínio mais profundo, ao analisá-los, sente-lhes igual o valor, no que de meio-verdade, e portanto de erro, contém. É que ideia, sentimento e vontade supõem todos uma coisa que lhes é comumente íntima — a consciência. São formas da consciência *na sua limitação*. De maneira que os argumentos justos apresentados em favor de qualquer das formas de psiquicamente ser tem razão no que cada um ao afirmar basilar ou a i[deia], ou o s[entimento], ou a v[ontade], afirmar basilar a consciência — base de todas elas, e não tem razão no que afirma basilar não a c[onsciência]a em si mas uma ou outra forma da sua limitação, por assim dizer, ou, para bem falar, do seu não-ser.

*

Note-se como, assim como o pensamento classifica em séries, o mundo está disposto em géneros e espécies.

Note-se também que entre 9 e 11 há menos distância do que entre 11 e 17

mas pertencem (11 e 17) à mesma série decimal. Exactamente o pensamento e a realidade.

Kant viu só metade dos factos.

*

— «Foi então que eu compreendi que as noções de tempo e espaço não tinham ainda sido suficientemente analisadas. Reanalisei-as. Comecei por ver que o nosso conceito de espaço era mais abstracto do que o de tempo, sem dúvida porque a nossa análise do espaço objectivo, é o mais fácil. Vou explicar. Na nossa noção de espaço cabem três ordens de coisas: o espaço, o lugar e o movimento. O espaço (em si) é difícil de definir, por ser primário à compreensão; podemos, porém, dizer que o espaço é a condição do lugar, ou dos lugares — pouco importa — porque «lugar» inclui «lugares». Do mesmo modo o lugar é a condição do movimento, que outra coisa não é, rudimentar e apressadamente definido, do que a mudança de lugar. Chegado aqui transplantei para a análise da noção do tempo os resultados desta análise. Fi-lo porque há analogia absoluta entre as naturezas [...] do tempo e do espaço, podendo dizer-se que o tempo é o espaço interior. Leva-me isto a conclusões de originalidade perturbante. Vi que, do mesmo modo concebido, o tempo se resolveria em *tempo*, propriamente dito, condição do momento, ou dos momentos; esse *momento* (correspondente a lugar, lugar do tempo) e em duração que é a mudança de momento para momento, como o movimento propriamente dito a é de lugar para lugar.

Chegado aqui, prossegui mais intensa e apertadamente na minha análise. Perguntei-me que outras ideias além das de tempo e espaço envolverá essa consideração de espaço e tempo. Havendo de comum a espaço e tempo a sua natureza de *condições*, o que haveria de comum entre lugar e momento, entre movimento e duração? Que novo elemento entrará na de tempo e espaço para produzir o momento e o lugar? Esse elemento só podia ser *o número*. Com efeito, admitida a co-existência do *número* com *tempo* e *espaço*, resultaria a existência de um número *no tempo* e *no espaço*; uma infinidade de *números* porque o número não tem fim. Daí me veio o notar que o tempo e o espaço não são *em si* infinitos; sendo a noção de infinito trazida para eles pela noção de número, que é a que traz consigo a noção de infinito (contraposta à de finito que cada número é).

Passei a analisar as duas ideias análogas de duração-movimento. Senti-me falhar aqui. Porque não compreendia como se pode dar a duração e o movimento, como se dá a passagem de um momento para outro, de um lugar

para outro. É o velho enigma de supor tudo átomos, com a velha e óbvia objecção: e o que está entre os átomos? Entre lugar e lugar deve haver lugares, entre momento e momento, momentos.

Ainda assim não desesperei. Apliquei-me mais detidamente ainda à análise cuidadosa dos conceitos que, até ali, nitidamente apreendera. Procurei a ideia demoradamente: vi que só podia ser a de *infinito* que o conceito de número envolvidamente me trazia. Demorei-me, com êxito assombroso na análise dessa ideia. Fiz uma descoberta metafísica: a dos vários infinitos.

O primeiro ponto a notar era que a ideia de infinito vinha da ideia de número. De que forma se nos apresenta a ideia de número? Sob a forma de série, começando em 1 e não acabando. Mas — e eis o ponto revelador —, *começando em 1*. Isto é o infinito numérico, *começa mas não acaba*, tem um ponto de partida mas não um de chegada. A revelação deste ponto deslumbrou-me. Pus-me objecções. Ponderei que uma recta podia ser *prolongada* ao infinito de ambos os lados, mas, reflectindo vi que era apenas do mesmo modo como se pode arranjar uma série ascendente e uma descendente, e que, idealmente o que fazíamos era tomar um ponto ideal e daí tirar rectas em linha recta para ambos os lados. Duplicávamos, vi, o proceder; mas o proceder essencial ficava. Tornou-se-me pois estonteadamente evidente este facto espantoso; *o infinito numérico começa mas não acaba*.

Apliquei esta noção às ideias primárias do tempo e do espaço, e a noção falhou-me. Aí havia o infinito absoluto. Só onde havia lugar e momento é que podia haver infinito numérico, *começado*; porque era forçoso partir de *um* lugar e de *um* momento; daí para o infinito. Nas ideias *primordiais* de tempo e de espaço, não havendo, por primordiais, as secundárias de lugar e momento havia um mais-que-infinito, sem princípio, nem fim, nem ponto, nem qualquer coisa de concebível (e que realmente só pela noção de número, concebemos).

Só nas ideias de tempo e de espaço encontrei um superinfinito um infinito absoluto, sem princípio nem fim; só na de número encontrei um infinito com princípio sempre mas sempre sem fim, vi analisando as de duração e de movimento que tinha aí um infinito curiosíssimo, um infinito *com principio e fim*.

— «Eh?»

— «Vou-lhe explicar, já lhe vou explicar . . . Suponhamos a série 1, 2, 3, 4, etc. Ora o que é movimento ou duração? Passar do momento ou lugar 1 para o momento ou lugar 2 e do m[omento] ou l[ugar] 2 para o m[omento] ou l[ugar] 3, e assim por aí fora, indeterminadamente. Ora, era já o velho argumento de Zenão o Eleático que passar de um lugar a outro implica esta coisa inexplicável

— atravessar um infinito, porque dizia Zenão, para passar do lugar 1 ao lugar 2 temos de atravessar o espaço que está entre o lugar 1 e o lugar 2; para o atravessar todo temos de o atravessar metade; antes disso metade da metade e, assim, *involuntariamente* nos encontramos a ter de atravessar um infinito para passar de 1 a 2. E daqui se tirar a conclusão idealista que o movimento, logicamente impossível, era uma ilusão nossa.

O problema não me amedrontou. Atentamente o ponderei. Eu bem achei saída. A primeira coisa que notei foi — já lho disse — que o infinito de que aqui se trata tem a especial característica de ter princípio (neste caso o lugar ou momento 1) e fim (neste caso o lugar ou m[omen]to 2). Porque o facto é que há movimento e duração, ainda que só para nós; mas mesmo como ilusão deve ter regras, condições e razões lógicas de o ser. É outra vez o velho problema do que está entre os átomos se os átomos são tudo e nada mais há. De repente vi, não sem ouvir, (creio porque vi alto e em bom som) como é fácil a solução do problema; como do enunciado dele logicamente se impõe.

*

Com efeito, tomando o caso dos átomos, se os átomos são *tudo e nada mais há*, entre eles *não há nada*, porque não há «*entre eles*» nenhum — são *contínuos*. O nosso erro era, pensando o nada, pensá-lo, illogicamente, *como sendo alguma coisa*. [...]

— E o tal infinito com princípio e fim que eu encontrei na duração e no movimento disse ter-me dado a chave do problema. Porque infinito com princípio e fim é uma expressão contraditória e *o contraditório* é o inexistente; basta ver que a única coisa que envolve contradição pensá-la, é o *não-ser*. Portanto o infinito com princípio e fim, o infinito de zero é *o nada*.

Isto, porém, não me bastava. Era essencial uma análise mais próxima e rigorosa. Perguntei a mim mesmo se em 1, 2, 3, etc., de lugar e momento não são pontos *ideais*, visto haver uma infinidade deles. Depressa, porém, me convenci do erro desta hipótese. 1, 2, 3, etc., não [são] senão pontos ideais tratando-se do tal infinito com princípio e fim que é *nada*. Observe que nada dividido pelo infinito dá *nada*; e que, igualmente, um dividido pelo infinito, dá *nada*. Ora, «ponto ideal» quer dizer «nada», porque ponto é alguma coisa, ideal é nenhuma coisa; tem contradição nos termos, portanto *nada*, como já lhe provei.

«E o que quer dizer o facto que qualquer número dividido pelo infinito

dá *nada* ? Simplesmente que *nenhum número é divisível pelo infinito*. Alguma coisa dividida por alguma coisa dar *nada* é um absurdo; temos pois que não é divisível. É sempre a nossa regra da contradição.

«Reatando. Como então chegar à noção exacta do que é lugar e momento? Continuei a análise, e com êxito. O infinito dividido pelo infinito dá, claro está, *um*. Segue daqui que a infinidade do espaço contém uma infinidade de *lugares*. Ora este *um* não significa *tamanho* mas sim *unidade*. Segue, pois, que o lugar pode ter o tamanho que precisa que há-de haver sempre uma infinidade deles no infinito. A razão é simples: qualquer coisa multiplicada pelo infinito dá infinito.

*

Vi que para transformar as ideias de tempo e espaço nas de momento e lugar e estas nas de duração e movimento era preciso apenas uma coisa: *pensá-las*. Com efeito, pensando a ideia de espaço logo me ocorrerá a ideia de lugar, *como logicamente contida na ideia de espaço*, e logo que penso a de lugar me acorrerá a de movimento, *logicamente contida na de lugar*. Compreendi então que a criação do mundo é um *acto de lógica*. Dado que o Pensamento supremo pensasse o tempo, logicamente pensaria logo o momento e logicamente, em seguida, a duração.

— «Se o professor me dá licença, observarei que há aí antropomorfismo. O Professor faz o criador um pensamento à imagem e semelhança do seu pensamento.

— «O contrário, o contrário . . . Eu não sou um pensamento senão porque Deus é um pensamento. Eu sou pensamento à imagem e semelhança de Deus . . . Se é Deus que pensa em mim não sei; mas o que sei é que (. . .). Pois se não fosse assim *como teria eu por real a realidade*; não se dá isso exactamente porque a força criadora do mundo é a mesma do que a força que em mim é perceptora do mundo criado? A diferença está em que o Criador pensa o todo como todo, naturalmente, e eu o todo como *parte*; sou um modo de pensar parcial, diferente de qualquer outro. O Criador só é diferente na ideia de o ser de cada um. É o pensamento absoluto.

— «Há ainda uma objecção que me lembrou ainda agora, por certas palavras que o Professor disse mas de que, por não o querer interromper, me esqueci. É isto: (. . .) logicamente (. . .).

— «É fácil explicar isso . . . não há contradição. Deus em si não é naturalmente

um pensamento — é um mistério. . . Para nós apresenta-se como um pensamento e pensamento é aquela coisa que tem essas leis que o senhor apresenta. O pensamento tem as leis que Deus lhe deu — é pensamento justamente por isso . . . Nós — já lhe expliquei — é que somos criados à imagem e semelhança exterior de Deus — pensamos porque ele pensa, pensa em nós, naturalmente. . .

Faça desta vez o que lhe ensinei a fazer da outra: volte o antropomorfismo ao contrário . . .

«Assim como me foi concedido rasgar o mistério do tempo e do espaço, ser-me-á dado o poder de poder usar esta sabedoria, do poder ser super-homem não só no raciocínio mas também na ideação autêntica, na percepção do inaparente. — O mistério primeiro e essencial não o posso, mas também não o preciso saber para isto, para o que tenciono querer . . . E quem me diz que esta ciência certa das coisas me não vem de uma obscura já percepção delas, do espírito estar já a caminho da percepção do passado, vindo-me duma experiência ainda inconsciente a minha consciente teoria? Não será por já começar a viajar [. . .] no tempo que já começo a saber o que é? Há-de ser isto, há-de ser isto. Tudo — raciocínio — tudo deve vir dessa experiência [. . .]. Mas nisto, por desnecessário, não insisto. . .

É pelo pensamento abstracto — não [. . .], como querem os místicos — que nos aproximamos do Criador, porque nos aproximamos do tipo absoluto de inteligência. . . E o que procura o pensamento abstracto senão exactamente o que o Criador mais de si tem: as energias do ser e do mundo. Não é esta a força suprema?

É pela ideia — não pelo sentimento (que naturalmente é uma forma qualquer de ideia — deixo-lhe isso a raciocinar) — que nós estamos mais perto de Deus.

A ideia, o pensamento é o que em nós há de mais absoluto, de mais tendente a absoluto . . . Conceber fortemente uma coisa é criá-la . . .

Deus, fazendo-se objecto de si mesmo, pensa-se, e pensando-se nasceram as ideias de tempo e espaço. Daí, logicamente as de número. . .

Pensa-se como Sujeito e Objecto: daí *tempo* e *espaço* ; como não-eu: daí o *número* , sendo Deus o fora do número; e como pensante: daí o movimento e a duração (. . .). Nosso pensamento segue as leis *que* são as da criação: recorda-se realmente. [. . .]

Deus, consciência (única, suprema) tem (não no tempo) consciência de si; tem consciência de si como Sujeito e Objecto e ao mesmo tempo sujeito.

*

O pensamento, no mortal, é uma rudimentar concepção do mundo.

Deus pensa-nos e por nós e em nós. Não pensa senão por nós, em nós e nós — nós sendo o universo inteiro.

O argumento racional prova a indivisibilidade real da matéria; o argumento tirado da experiência igualmente o prova. — Assim todo o raciocínio está de acordo com a realidade.

*

Todas as teorias, por absurdas que sejam, cabem no verdadeiro intelectua-
lismo — como verdades e erros. Assim esta, por exemplo, estranha demasia-
damente que no momento imagino; que a vida externa é irreal e infixa, que a
ciência é um sonho nosso ou que a realidade se anula.

*

Uma lei é, em todos os casos, a exteriorização de um raciocínio (pensamento).

Outra prova de que o pensamento é (para nós) o ser. Sentir nada é não sentir,
querer nada é não querer; mas pensar nada não é não pensar, é pensar o nada,
compreender que nada quer dizer nada. Vemos, portanto que, conquanto não
haja vontade nem sentimento do nada (propriamente dito porque o desejo da
morte não é do nada), há pensamento, ideia do nada. O nada torna-se alguma
coisa perante a ideia. É a criação *ex nihilo* exemplificada.

Quando o ser *pensar* o não-ser, o não-ser, por pensado, torna-se alguma coisa
— no pensamento; uma coisa que é não-ser porque o é realmente, e que é ser
porque é pensado. Digamos o não-ser e, porque se o não-ser não fosse, (...).

Por isso o nosso pensamento compreendendo o mundo e conhecendo-lhe a
criação, reprodu-lo (limitadamente); pensando-lhe a criação, recria-o.

Não podemos dizer que para o *ser* pensar o não-ser importa querer pensá-lo,
e que a vontade é um facto da percepção, está portanto *dentro* e não fora do
pensamento, é posterior e não anterior ao pensamento.

Temos como realidades do pensamento ser, não-ser e *pensamento*. Ora não
sendo o mundo o ser, nem o não-ser, forçoso é que seja o pensamento. Daí o
compreender o ser como ser e o não-ser como não-ser; compreendendo-se como
pensamento, não como realidade.

Bem, mal, — tudo sim — são produtos do pensamento e do sentimento.
Na realidade absoluta, para além do próprio pensamento — que têm que ver os conceitos de bem e de mal, de alegria e de sofrimento?
A percepção é o pensamento do pensamento alheio.

*

O horror que então aconteceu, não aconteceu de vagar nem depressa. Aconteceu simplesmente. Vi o professor com aquele olhar vindo para um horror qualquer, vi-o ali estendido no sofá, e vi depois no sofá um *robe de chambre* apenas, atado ainda, e tendo dentro um fato de pijama abotoado e apertado por completo.

No chão vi luzir uma coisa ... Era uma aliança de ouro. O outro anel em parte alguma se viu ...

Intensificou-se a expressão (...) do olhar, tornou-se mais pavorosa, mas na direcção do que estava. Pareceu (...) chegar a um ponto culminante.

s. d.

«O Vencedor do Tempo». **Textos Filosóficos** . Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968: 253.